

CAMILA DOS SANTOS SOUZA

9º ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA

(Culturas Juvenis na Escola)

**A JUVENTUDE PERIFÉRICA DA BAIXADA SANTISTA - A
SOCIOLOGIA COMO INSTRUMENTO DE DECIFRAÇÃO DA
REALIDADE ESCOLAR**

PRAIA GRANDE/SP

2025



A JUVENTUDE PERIFÉRICA DA BAIXADA SANTISTA - A SOCIOLOGIA COMO INSTRUMENTO DE DECIFRAÇÃO DA REALIDADE ESCOLAR

Camila dos Santos Souza¹

RESUMO

A realidade educacional das escolas públicas de ensino médio na Baixada Santista apresenta desafios relacionados às transformações territoriais da região. Este estudo tem como objetivo analisar o papel da escola na emancipação de jovens oriundos de contextos frequentemente marginalizados. A pesquisa propõe a inclusão da Sociologia como componente curricular nas instituições educacionais situadas em áreas periféricas da Baixada, considerando o espaço geográfico como um elemento produtor de relações sociais. Dados demográficos indicam que a maior parte da população jovem nessa região é composta por indivíduos negros, provenientes de classes socioeconômicas baixas e que enfrentam altas taxas de defasagem escolar e evasão. Nesse contexto, o ensino crítico da Sociologia deve investigar a interconexão entre território, classe e escola, auxiliando os alunos na compreensão de que suas dificuldades são reflexos de processos estruturais. A proposta é implementar uma pedagogia do território que transforme a escola em um espaço para contranarrativas e reflexão crítica, contribuindo para a formação de jovens mais conscientes sobre as relações de poder que impactam suas vidas.

Palavras-chave: Sociologia, Juventude; Educação; Baixada Santista; Periferia.

¹ Mestranda do Curso de Sociologia em Rede (ProfSocio) pela da Universidade Estadual - Unesp de Marília – SP. Identidade étnico racial: Preta. Gênero: Mulher-Cis. Residente em Praia Grande/SP. e-mail: camila.santos-souza@unesp.br

INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como objetivo, de maneira geral, realizar uma análise crítica sobre a importância da sociologia nas escolas localizadas em áreas periféricas. A proposta é apontar a sociologia como componente curricular para a compreensão da realidade geográfica das escolas periféricas situadas na Baixada Santista.² Como bem demonstra Milton Santos (2008), o espaço geográfico não é um mero palco, mas um ativo produtor de relações sociais - e é nesta perspectiva que a Sociologia se revela componente curricular essencial para decifarmos o cotidiano escolar em suas múltiplas dimensões.

Nesse ínterim, julgamos importante apresentar os dados gerados pela pesquisa, os quais apontam o perfil dos jovens que estudam nessas escolas. Vale ressaltar que ao analisar a relação entre esses jovens e a escola, o objetivo foi entender como eles vivenciam a educação.

A escola onde a pesquisa se realizou integra-se à rede estadual de ensino e localiza-se em um distrito do município de São Vicente, com 329.911 mil habitantes. Aproximadamente 72,8 km quilômetros da capital. E sendo a terceira cidade mais populosa do litoral paulista, atrás de Santos e Praia Grande.

No Brasil a maioria da população jovem é composta por pessoas negras³. O perfil desses jovens é de negros, oriundos de classes baixas e com altos níveis de defasagem escolar⁴. Os participantes desta pesquisa fazem parte da juventude, mas não representam todos os jovens. Eles formam um grupo distinto, marcado por sua localização geográfica, cultural e econômica.

² A Baixada Santista é formada por nove municípios: Bertioga, Cubatão, Guarujá, Itanhaém, Mongaguá, Peruíbe, Praia Grande, Santos e São Vicente

³ A parte da população que é classificada como negra pelo IBGE inclui as pessoas que se identificam como pretas e pardas nas estatísticas oficiais. De acordo com os dados de 2020, 51% se consideram pardos e 10% se identificam como pretos, totalizando assim 61% de negros.

⁴ Em 2000, 87,16% da população de 6 a 17 anos estava frequentando o ensino básico regular com menos de dois anos de repetência. Em 2010, essa porcentagem cresceu para 90,54%. Ao mesmo tempo, a taxa de evasão no ensino médio subiu de 8,20% para 10,20% em 2014. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-viceinte/panorama>.

Afinal, qual é a contribuição da sociologia para o fortalecimento dos jovens? Como a escola produz a condição juvenil? Para responder essas perguntas é preciso buscar compreender o papel da Escola, como também, o processo educacional pelo qual passam esses jovens é o ponto de partida deste pensar sociológico.

O SISTEMA ESCOLAR COMO REPRODUTOR DE DIVISÃO E PRIVILÉGIO

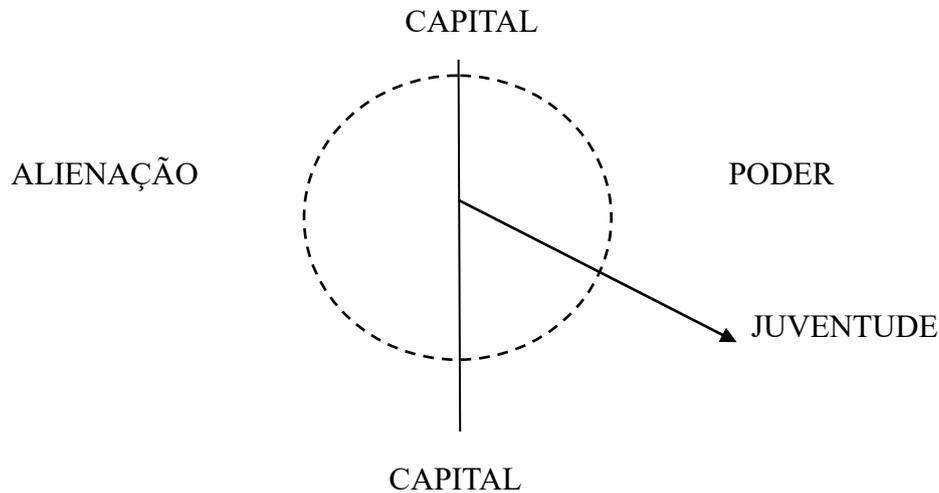
Em termos de sociologia crítica, a escola é vista como um local onde existem relações de poder. No artigo *A crise de sentidos e significados na escola: a contribuição do olhar sociológico* (MENDONÇA, 2011) fez alusão a esse cenário de transformações de divisão e privilégio, trazendo como um de seus resultados, parte do que discutiremos aqui. Mendonça, observa que, em uma sociedade capitalista, a escola se tornou a principal instituição responsável por oferecer educação formal, aumentando o neoliberalismo educacional e reproduzindo a divisão social do trabalho.

Dentro dessa perspectiva a escola está passando por uma crise, onde estudantes e professores não encontram mais significado na sua experiência escolar. Por sua vez, é na escola onde indivíduos passam considerável parte de seu tempo cotidiano durante um longo período da vida.

Todavia, é fundamental adotar uma perspectiva sociológica que leve em conta tanto os aspectos individuais quanto os coletivos, que estão interligados nas escolas.

Segundo, Davídov (1988), a escola deve ensinar os alunos a pensar. Mas, a escola moderna se mostra andar por outro sentido, visto que a escola tornou-se um elemento essencial para o modelo capitalista. Assim, a escola é construída sobre esse modelo econômico.

Propomos um esquema para exemplificar:



Fonte: autoral, 2025 - figura criada no modelo educacional vigente no capitalismo.

Tudo começa e termina com o objetivo de alimentar o **capital**. De um lado, temos a **alienação** — processo quando o aluno se sente distante, desinteressado ou desconectado da escola, do processo de aprendizagem e da sua própria experiência na escola. Do outro lado, está o **poder** — a escola muitas vezes busca reproduzir as relações de poder que já existem na sociedade, influenciando a maneira como os estudantes são educados e como eles se relacionam com o mundo ao seu redor.

Nesse contexto, a escola acaba sendo vista como uma forma de preparar os estudantes para o mercado de trabalho, formando cidadãos que se encaixem nas exigências do mercado e mantendo as relações sociais e ideológicas que sustentam o capitalismo, ou seja, o capitalismo tem uma forte influência na educação, moldando o que é ensinado para atender às necessidades do sistema econômico.

Por fim, no centro dessa questão, estão ‘os jovens’ - vítimas dessa crise de sentidos e significados que se encontram as escolas, o jovem, tornar-se o principal refém.

Todavia, não se pode negar, além disso, que a escola é também o lugar de poder ideológico. Para Foucault (1999) poder – regulariza essa segregação e os privilégios. Observa-se dentro dessa lógica, em relação ao ambiente escolar, que há sinais de uma

espécie de **violência simbólica**, segundo Bourdieu (1998), que afeta a cultura popular dos estudantes negros.

Sob essa perspectiva, essa posição de alienação vai sendo internalizada principalmente pelas pessoas negras, que muitas vezes não se veem refletidas em sua negritude – pois o padrão ideológico dominante nas escolas, é rico e branco, associado à colonialidade do poder.

Diante disso, queremos descobrir quais elementos ajudam a entender os sentidos e significados que os jovens negros atribuem à sua experiência escolar. Caberia, então, perguntar: Quais dificuldades e desigualdades essa juventude negra enfrenta nesses espaços escolares? O que isso pode representar?

SER JOVEM NEGRO EM UMA ESCOLA SEM SENTIDOS E SIGNIFICADOS

A escola, na sociedade capitalista, uniformiza os sujeitos e uma única categoria ‘**aluno**’, contribuindo, para invisibilidade de alguns jovens. De acordo, com Lima Filho (2014) essa classificação é homogênea, generalizante e assexuada.

Lima Filho (2014), lança um olhar para um “novo” grupo de alunos. Esse “novo” aluno – preto, pobre, da periferia – é elemento “estranho” à Escola média; compartilha capital cultural distinto daquele incorporado pelos professores e gestores; e, como demonstramos aqui é, frequentemente, “mal-vindo” e, não raro, temido.

Essa homogeneização na educação brasileira produz desigualdades e fomenta as disparidades sociais dos jovens. Assim ser jovem negro, em uma sociedade marcada pelo racismo, é estar na base da pirâmide de poder. Uma vez dentro da escola, ser jovem negro, em uma escola sem sentidos e significados é ainda mais desafiador.

No contexto brasileiro, é notável a dificuldade que muitos jovens enfrentam em estabelecer vínculos significativos com os conteúdos e metodologias escolares. As disciplinas, em geral, são percebidas como distantes de suas vivências, apresentando-se de forma abstrata, descontextualizada e com pouca aplicabilidade prática. Essa desconexão, como aponta Saviani (2008), decorre de uma concepção pedagógica que desconsidera a mediação entre o saber escolar e a realidade social dos educandos.

DESENVOLVIMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO, RESULTADOS E REFLEXÃO

Na presente pesquisa, propomos problematizar as relações de poder que se manifestam no interior da escola. Sabemos que a escola, como uma instituição social, mostra as relações de poder que existem na nossa sociedade.

Por isso, é importante desenvolver um trabalho político-pedagógico que questione essas desigualdades tanto dentro quanto fora da escola. Após esta introdução, a pesquisa analisada, se define como qualitativa, na modalidade pesquisa-ação crítica, cujo propósito é intervir na realidade.

O método adotado dessa pesquisa perpassara por meio da técnica: observação participante, por meio da pesquisa-ação. Segundo Thiollent (1985), esse método propõem a interação entre o **pesquisador e o pesquisado**, e não acontece apenas pela observação, entre a análise do primeiro em relação ao segundo, na verdade, ambos acabam se identificando, especialmente quando os objetos de estudo são também **sujeitos sociais**⁵.

A pesquisa-ação é de base empírica, ou seja, baseada na descrição, observação e ação das situações reais. Thiollent (1986) define:

Como estratégia de 'pesquisa, a pesquisa-ação pode ser vista como modo de conceber e de organizar uma pesquisa social de finalidade prática e que esteja de acordo com as exigências próprias da ação e da participação dos atores da situação observada. Neste processo, a metodologia desempenha um papel de "bússola" na atividade dos pesquisadores, esclarecendo cada uma das suas decisões por meio de alguns princípios de cientificidade. (Thiollent, 1986. Pág.26)

Com base no que foi mencionado anteriormente, a pesquisa-ação é mais um método ou uma estratégia de pesquisa que combina diferentes técnicas ou métodos de pesquisa social, formando assim uma estrutura organizada. A escolha por sua proposta

⁵ "Sujeitos sociais" referem-se a indivíduos que atuam dentro de uma estrutura social, interagindo e sendo influenciados por ela. Eles não são meros receptores passivos, mas agentes ativos que contribuem para a formação e transformação das estruturas sociais.

se justifica por sua contribuição na análise crítica da instituição escolar, permitindo uma ressignificação, ou seja, a pensar a escola de maneira sociológica.

Assim, pensamos a escola de acordo com a Teoria Histórico-Cultural, o ser humano não nasce pronto, mas se torna sujeito ao longo de sua trajetória nas relações sociais. Nesse contexto, a escola configura-se como importante espaço de desenvolvimento.

A Teoria Histórico-Cultural, desenvolvida por Vygotsky, compreende o desenvolvimento humano como um processo mediado pelas interações sociais e culturais. Nessa perspectiva, o indivíduo não se forma isoladamente, mas em constante relação com o meio, especialmente por meio das mediações simbólicas, como a linguagem. A aprendizagem, nesse contexto, antecede e impulsiona o desenvolvimento, e o professor atua, promovendo experiências que ampliam as possibilidades de atuação e compreensão do sujeito sobre o mundo. Assim, a escola contribui ativamente para a constituição de sujeitos críticos.

Portanto, a fundamentação dessa presente pesquisa parte do materialismo histórico e da Teoria Histórico-Cultural. Karl Marx, influenciado por Hegel, adaptou a dialética para analisar a história e a sociedade. “O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual”. (MARX, 2008, p. 47). Assim, para ele o homem, ao produzir os meios para satisfazer suas necessidades, organiza-se socialmente.

Logo, é necessário repensar as práticas pedagógicas de modo que elas favoreçam uma problematização que discuta a escola como um espaço de convivência social e cultural. Nesse contexto, o conhecimento constitui um elemento fundamental para o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos. À luz da Teoria Histórico-Cultural, que compreende o sujeito em constante interação com o meio e mediado pelas relações sociais e culturais, emerge a seguinte questão: **qual é a contribuição da Sociologia para o fortalecimento dos jovens negros?**

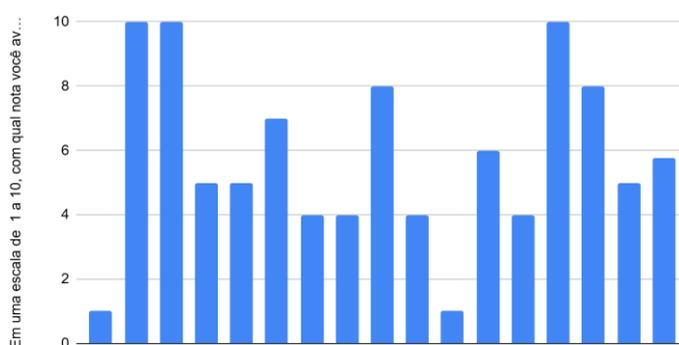
Para responder a essa problemática, esta pesquisa adotou como metodologia entrevistas semiestruturadas com estudantes de uma escola situada em um bairro periférico da cidade de São Vicente/SP. A referida escola funciona com dois segmentos anos finais e ensino médio dentro de um sistema de programa de ensino integral. Para a

coleta de dados, foram elaboradas perguntas direcionadas aos estudantes de duas turmas da 3ª série do ensino médio da referida escola.

Dentre essas, optou-se por realizar a pesquisa com a turma 3ªB, selecionada por critérios previamente definidos, considerando aspectos como disponibilidade, participação e diversidade de percepções sobre o ambiente escolar, com o objetivo de investigar a percepção desses sujeitos sobre a escola e seus diferentes atores. Ressalta-se que todas as medidas éticas foram adotadas para garantir o anonimato e a proteção da identidade dos participantes envolvidos. Para nos aproximarmos do campo e dos participantes da pesquisa, usamos um formulário online criado no Google Forms, com perguntas semiestruturadas.

A amostra foi composta por 16 estudantes, com faixa etária entre 17 e 20 anos, sendo a maioria autodeclarada preta ou parda — o que reflete uma característica comum às escolas localizadas em territórios periféricos, onde historicamente se concentra uma maior presença de populações negras.

Em uma escala de 1 a 10, com qual nota você avalia a educação brasileira?

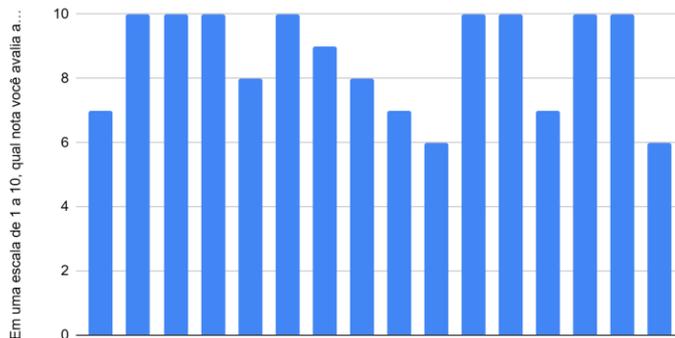


Fonte: Elaboração da autora com base nos resultados da pesquisa/2025.

Ao serem questionados sobre a qualidade da educação brasileira, 6 estudantes (37,5%) atribuíram notas entre 1 e 4, evidenciando uma percepção bastante crítica. Outros 4 estudantes (25%) deram notas entre 5 e 6, revelando uma avaliação intermediária. Com isso, observa-se que 62,5% dos entrevistados atribuíram, de modo geral, notas baixas ao sistema educacional vigente.

Já os 6 estudantes restantes (37,5%) atribuíram notas entre 7 e 10, indicando uma percepção mais positiva. A média geral das avaliações foi de 5,75, o que reflete uma tendência predominantemente crítica em relação à qualidade da educação no Brasil, embora com a presença de perspectivas divergentes entre os participantes.

Em uma escala de 1 a 10, qual nota você avalia a escola na qual você pertence?



Fonte: Elaboração da autora com base nos resultados da pesquisa/2025.

Em contrapartida, ao serem questionados sobre a escola onde estudam, 8 estudantes atribuíram nota 10 à instituição, evidenciando uma percepção positiva que contrasta com as avaliações mais críticas sobre a educação brasileira de forma geral. Essa distinção revela um olhar diferenciado dos estudantes em relação ao seu próprio contexto escolar, sugerindo que, apesar das críticas ao sistema educacional mais amplo, eles reconhecem aspectos valorizáveis e potencialidades na escola que frequentam.

Retomando o ponto inicial desta pesquisa, questiona-se: mas, afinal, qual é a contribuição da Sociologia para o fortalecimento dos jovens negros?

Para investigar essa problemática, formulamos um questionamento dirigido aos estudantes, buscando compreender suas percepções acerca do papel desse componente em sua formação crítica e identidade. **Mesmo sem estar mais presente em seu cotidiano escolar, de que maneira a Sociologia influenciou seu pensamento crítico e sua formação como indivíduo?** As respostas obtidas chamaram a atenção da pesquisadora e evidenciam o impacto da disciplina na construção da consciência crítica dos estudantes.

Um dos estudantes afirmou que “o pensamento crítico é minha formação como indivíduo”. Outro destacou que a Sociologia “Influenciou de forma positiva, ajudou a construir um pensamento crítico e um olhar diferente para observar a sociedade. Sinceramente se for comparar minha cabeça do primeiro ano do Ensino Médio, para agora no terceiro ano, a diferença é gritante, e com toda certeza essa mudança (muito positiva), advém das matérias de humanas (história, filosofia, sociologia, geografia), mesmo o Estado tentando podar.”

Outro depoimento ressaltou que a disciplina “Me fez refletir e formar opiniões sobre as leis, dia a dia, me fazia refletir e ter o senso crítico, as aulas de sociologia são ESSENCIAIS!” Por fim, um estudante compartilhou que as aulas “Ajudou no entendimento das relações sociais, criando uma consciência de classe, e nos incentivou a propor soluções para problemas reais que afligem a sociedade brasileira e a reconhecer tais problemas desde da base até a manifestação mais explícita do mesmo.”

Por fim, esses relatos indicam que a Sociologia desempenha papel fundamental na formação crítica e na ampliação do horizonte dos jovens, especialmente em contextos marcados por desigualdades sociais e raciais.

Este trabalho é uma primeira tentativa de entender algumas das questões que envolvem a juventude e de como os estudantes formam suas próprias ideias sobre isso. Nossa pesquisa ainda está em andamento, mas já conseguimos perceber algumas diferenças e detalhes importantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, conclui-se que refletir sobre a escola impõe um desafio de natureza sociológica. Ao analisarmos a realidade das escolas públicas de ensino médio, torna-se evidente que elas enfrentam obstáculos complexos, cuja compreensão exige uma leitura atenta das transformações territoriais, sociais e políticas que têm reconfigurado esses espaços. As mudanças nos territórios escolares — marcadas por desigualdades históricas, processos de segregação urbana e dinâmicas socioeconômicas — impactam diretamente a vivência dos sujeitos nesses ambientes, exigindo abordagens críticas e contextualizadas para pensar a função social da escola e suas possibilidades de resistência e transformação.

A experiência juvenil de pertencimento ao espaço-tempo escolar situa-se, quase sempre, sob o signo da negatividade. Os jovens ocupam e transitam por um espaço que,

frequentemente, não acolhe seus corpos, suas demandas ou seus interesses. Ainda assim, os tempos escolares configuram-se como marcadores fundamentais do ritmo da vida juvenil, desempenhando papel estruturante em suas trajetórias.

Nesse cenário, a Sociologia, quando compreendida como instrumento de desvelamento das estruturas sociais, possibilita aos educandos perceber que muitas de suas dificuldades individuais são, na verdade, expressões de contradições estruturais. O ensino crítico da Sociologia deve partir, como propunha Gramsci (2000), da análise concreta das relações orgânicas entre território, classe social e instituição escolar, deslocando o olhar do indivíduo isolado para os processos históricos e coletivos que moldam sua realidade.

Conclui-se, portanto, que o ensino de Sociologia, especialmente em contextos como os das escolas periféricas, não pode se restringir a formulações abstratas ou distantes do cotidiano dos estudantes. Como defende Michael Young (1971), em *Conhecimento e Controle: Novas Direções para a Sociologia da Educação*, é necessário romper com a lógica da educação como mercadoria, convertendo a sala de aula em um espaço de reflexão crítica sobre as vivências espaciais e sociais da juventude.

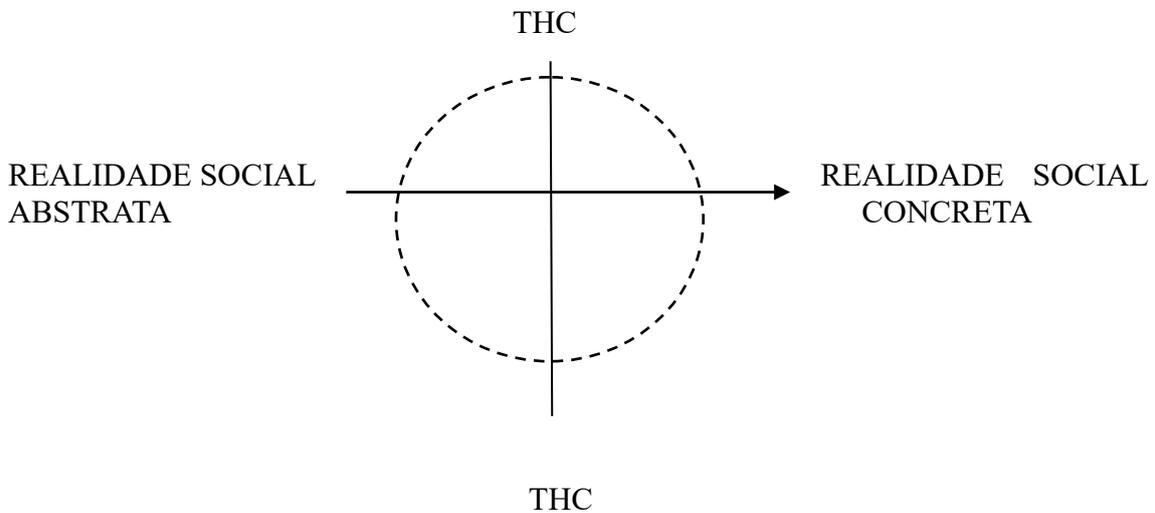
Conforme Vygotsky (2007), é por meio das interações sociais, historicamente situadas, que o sujeito internaliza significados e constitui sua consciência. Dessa forma, o conhecimento não é neutro, mas carregado de intencionalidade social e ideológica — um ponto de diálogo direto com o materialismo histórico-dialético proposto por Marx.

Ambas as abordagens — marxista e histórico-cultural — defendem que a educação deve ser um instrumento de emancipação, e não de reprodução das desigualdades sociais. Neste sentido, buscou-se na pesquisa, considerar as escolas como lugares que promovam a emancipação de realidades que, muitas vezes, são esquecidas e marginalizadas.

Segundo Lycinia Maria Correa, em sua tese de 2008, destaca a importância das escolas na vida dos jovens — A escola é para os jovens um território.

Assim, ao promover a mediação entre os saberes sistematizados e a realidade vivida pelos estudantes, a escola pode atuar como **espaço de transformação social**.

Propomos outro esquema para exemplificar:



Fonte: autoral, 2025 - figura criada no modelo educacional da THC (Teoria Histórico-Cultural) proposto pelo psicólogo soviético Vygotsky.

A **realidade abstrata** se refere a um conhecimento fragmentado, isolado do contexto histórico e social. A educação, quando orientada por uma perspectiva crítica, deve considerar, a **realidade social concreta** em que o estudante está inserido — marcada por desigualdades, exclusões e contradições de classe.

Nessa relação dialética, o estudante, ao reconhecer criticamente seu lugar no mundo, torna-se capaz de romper com a lógica naturalizada do sistema capitalista, desenvolvendo consciência de sua condição e das possibilidades de transformação dessa realidade.

“A consciência do homem surge e se forma no processo de suas atividades práticas, no sistema de suas relações com a realidade objetiva, mediadas pelas relações sociais.” — Leontiev, A. N. (2004). *Atividade, consciência e personalidade*. São Paulo: Centauro, p. 104.

Essa concepção sustenta a ideia de que a formação do sujeito se dá pela prática social, tornando a escola um espaço privilegiado para a mediação entre realidade vivida e conhecimento historicamente sistematizado.

Assim, ao promover a mediação entre o saber escolar e a vivência dos estudantes, a escola pode deixar de ser reprodutora da ordem vigente e se tornar um

espaço de formação de sujeitos históricos, capazes de compreender e transformar criticamente sua realidade social.

Formar sujeitos críticos significa possibilitar que compreendam sua inserção nas estruturas sociais, reconheçam os mecanismos de dominação que atravessam seus territórios e desenvolvam consciência de classe e pertencimento coletivo. Só assim, e não por meio da adaptação, será possível formar jovens capazes de atuar na transformação dos espaços que habitam — espacial, social e simbolicamente.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. Educação e emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- BRAGA, Ruy. A rebeldia do precariado. São Paulo: Boitempo, 2017.
- CORREA, L. M. Entre apropriação e recusa: os significados da experiência escolar para os jovens da periferia urbana de São Bernardo do Campo (SP). 2008. 292f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.
- FERNANDES, Florestan. Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 65. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- HARVEY, David. A produção capitalista do espaço. São Paulo: Annablume, 2005.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2020. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.
- LIMA FILHO, Irapuan Peixoto. Culturas juvenis e agrupamentos na escola: entre adesões e conflitos. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 45, n. 1, p. 103-118, jan./jun. 2014.
- MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. Livro I. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- MENDONÇA, S. G. (2011). A crise de sentidos e significados na escola: a contribuição do olhar sociológico. Caderno Cedes, 31(85), 341-357.
- SANTOS, Milton. O retorno do território. En: OSAL : Observatório Social de América Latina. Año 6 no. 16 (jun. 2005-). Buenos Aires : CLACSO, 2005.
- YOUNG, Michael. Para que servem as escolas?. Educação e Sociedade. Campinas, vol.28, n. 101, p. 1287-1302, set./dez. 2007.
- YOUNG, M. Knowledge and control: new directions for the Sociology of Education. London: Collier Macmillan, 1971.